

# COM O NANGGALA OFICIALMENTE PERDIDO, QUAIS SÃO OS PRÓXIMOS PASSOS?

Por Albert Caballé Marimón\*



*Militar indonésio examina mapa da área onde está o KRI Nanggala (Foto: EPA).*

*A Indonésia e a comunidade submarinista internacional estão em luto pela perda dos 53 tripulantes a bordo. Independentemente de possíveis tentativas de recuperação dos destroços para um exame mais detalhado das causas do acidente, é possível que a Marinha da Indonésia realize também uma revisão de treinamento e procedimentos.*

A Marinha da Indonésia anunciou no domingo (25) a descoberta dos destroços do submarino de ataque KRI *Nanggala* 402 e conformou a morte de todos os 53 tripulantes a bordo. Em uma coletiva de imprensa em Bali, o comandante das Forças Armadas da Indonésia, marechal-do-ar Hadi Tjahjanto, afirmou que o submersível do navio de resgate MV *Swift Rescue*, de Singapura, foi despachado para realizar um exame visual para confirmar imagens produzidas pela varredura realizada pelo KRI *Rigel* empregando um sonar multifeixe e um magnetômetro.

Tjahjanto afirmou que as imagens mostram peças e destroços do submarino, como o leme vertical traseiro, âncora, partes do corpo externo do casco, vela de mergulho e trajes de fuga Mk 11.

A imprensa indonésia questionou o número de pessoas embarcadas, uma vez que a classe 209 normalmente embarcaria uma tripulação de 33 a 36 pessoas. O almirante Yudo Margono, comandante da Marinha da Indonésia, disse que o *Nanggala* tinha capacidade para um total de 50 tripulantes mais sete comandos,

totalizando 57 pessoas, portanto os 53 homens embarcados estavam dentro do limite de pessoal do submarino.

Margono afirmou que o submarino se partiu em três partes e estava a uma profundidade de 2.750 pés (838 metros). Ele disse também que o submarino não apresentou grandes problemas desde sua reforma em 2012 na Coreia do Sul, e que a marinha não o teria selecionado para o exercício de tiro se houvesse algum problema conhecido.



*Militares indonésios mostram as imagens do navio em entrevista coletiva em Bali (Foto: BBC).*

O marechal Tjahjanto afirmou que a Indonésia coordenará os próximos passos com o Escritório Internacional de Ligação para Fuga e Resgate de Submarinos (ISMERLO, *International Submarine Escape and Rescue Liaison Office*), acrescentando que isso é necessário já que a recuperação do submarino exigiria cooperação internacional.

Sem poder ter certeza de que as causas do desastre serão identificadas, a Marinha da Indonésia precisará decidir quanto esforço dedicará a tentar recuperar os destroços. O exame inicial das imagens do submarino afundado sugere que o submarino está em três partes, com o casco e a popa separados.

Nesta fase, é impossível saber o que desencadeou o acidente. As causas podem incluir desde uma falha mecânica até um incêndio, algo particularmente temido pelos submarinistas. Um erro humano tampouco pode ser descartado.

Resgatar os destroços do *Nanggala* provavelmente é possível e há precedentes: o “Projeto Azorian”, dos EUA, em 1974, envolveu a recuperação em segredo de componentes do K-129, submarino de mísseis soviético afundado, empregando o navio USNS *Hughes Glomar Explorer*, especificamente construído com esse fim.

No entanto, trazer cerca de 1.300 toneladas de metal de volta à superfície de uma profundidade de mais de 800 m continua sendo uma tarefa formidável. Poucas

organizações de salvamento seriam capazes de empreendê-la, e certamente custaria muito caro. Considerando que não há garantia de que a causa específica do desastre seja descoberta, pode-se argumentar que a marinha indonésia, com poucos recursos, teria outras prioridades para investir, incluindo seus submarinos restantes.



*Imagens do veículo de resgate subaquático mostram os destroços do submarino (Imagem: Marinha da Indonésia via EPA).*

Uma abordagem possível seria acompanhar o exame de vídeo dos destroços com um mapeamento mais detalhado do local do naufrágio e de todo o material espalhado no fundo do mar. Esse exame, em conjunto com a recuperação seletiva de componentes, poderia ajudar a encontrar algumas respostas. Mas, é claro, a esta altura tudo é incerto.



*Esta imagem parece mostrar a popa do Nangala (Imagem: Marinha da Indonésia/EPA).*

A Marinha da Indonésia agora deverá se submeter a um autoexame. Por mais que seja provável que o *Nanggala* tenha apresentado uma falha mecânica ou de equipamento, provavelmente haverá uma revisão dos padrões de treinamento e procedimentos operacionais.

A força de submarinos da Marinha da Indonésia se expandiu de forma significativa recentemente, passando de duas para cinco embarcações. Houve novos comissionamentos em 2017, 2018 e no mês passado, com a entrada em serviço do primeiro submarino montado no país, o KRI *Alugoro*.

O *Cakra*, irmão do *Nanggala* (e igualmente idoso), que foi submetido a uma recente modernização e reforma, poderá ser examinado cuidadosamente para determinar se há algum problema até então não identificado que pudesse ser uma causa potencial de falhas.

A perda dos 53 marinheiros é uma tragédia não apenas para a Marinha da Indonésia, mas para o país como um todo. A operação com submarinos é uma atividade de alto risco e exige níveis extraordinários de trabalho em equipe e confiança absoluta no profissionalismo de todos a bordo, criando uma cultura profissional muito forte. Assim, não é de se estranhar que em um momento crítico como este se manifeste solidariedade internacional.

Várias nações se prontificaram rapidamente a fornecer assistência e recursos. Além do importante papel desempenhado pelo MV *Swift Rescue*, o navio de resgate submarino de Singapura, também a Austrália, a Índia, a Malásia, os Estados Unidos enviaram auxílio com rapidez.

---

**\*Albert Caballé Marimón** possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do blog *Velho General*. Atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Cerrado e proferiu palestras na AFA, Academia da Força Aérea. É colaborador do Canal Arte da Guerra.

---